

## Minority Report ou como um pequeno detalhe é capaz de alterar o todo

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia



### RESUMO

Este artigo analisa alguns aspectos da adaptação cinematográfica do conto *Minority Report*, do escritor norte-americano Phillip K. Dick. Dirigido por Steven Spielberg, o filme *Minority Report* apresenta algumas alterações relevantes em relação ao conto que o originou, algo que não é heterodoxo em termos de adaptação para cinema mas que, em certa medida, revela como determinadas adequações ou mudanças sutis podem concorrer para uma modificação do discurso de uma obra original. Observa-se assim que o conto *Minority Report*, de autoria de um escritor extremamente inventivo e polêmico, acaba por sofrer um processo de adaptação que o insere mais confortavelmente nos cânones do dito cinema hegemônico, resultando em mais uma superprodução dirigida por um cineasta de reconhecida competência, um dos mais proeminentes da indústria cinematográfica hollywoodiana atual.

**Palavras-chave:** Cinema, adaptação, conto, Phillip K. Dick, Steven Spielberg.

### ABSTRACT

This article analyses some aspects of the cinematographic adaptation of Phillip K. Dick's *Minority Report*. Directed by Steven Spielberg, *Minority Report*, the movie, presents some important alterations in relation to the original story which, despite being a common procedure in terms of cinematographic adaptation, actually reveal how some subtle adjustments can operate a shift on the original discourse. Thus, the short story *Minority Report*, written by an extremely inventive and polemic author, ends up going through a process of adaptation which becomes it more suitable for the canons of the hegemonic cinema, resulting in one more blockbuster, directed by a filmmaker whose competency is well known, one of the most prominent in the current film industry.

**Key-Words:** Cinema, adaptation, short story, Phillip K. Dick, Steven Spielberg

---

· jornalista, doutorando em Multimeios, Inst. de Artes, Unicamp.

*Minority Report* (2002), último filme de Steven Spielberg, é mais uma produção no gênero que notabilizou o diretor de *Tubarão*: a ficção científica. Vigoroso e intrigante, *Minority Report* é uma adaptação do conto homônimo de Phillip K. Dick, publicado pela primeira vez em 1956. Na verdade, uma adaptação bastante flexível. Trabalha com o *plot* central do conto de Dick, mas abarca outros elementos da obra do escritor americano, adentrando no terreno da especulação científica com base no panorama contemporâneo. Spielberg manobrou com habilidade o universo ficcional de Dick, sem cair em fórmulas fracassadas ou repetir experiências únicas anteriores. No filme *Minority Report* está muito da irreverência imaginativa de Dick. São as aranhas mecânicas utilizadas pela polícia, maquininhas terríveis que parecem ter saído de outro conto do escritor, *Second Variety*, ou os inexpugnáveis *scanners* de retina, instrumental digno de um “Grande Irmão” presente em tantas outras obras de Dick. Contudo, entre o filme e o conto há uma diferença fundamental no nível discursivo. Ambos carregam discursos particulares e divergentes. Spielberg não só agregou *subplots* e demais elementos ao filme como, para permanecer fiel a seu estilo, mexeu num pequeno detalhe que alterou profundamente a “moral da estória” de Dick. Mas antes de examinarmos essa questão, passemos uma rápida revista sobre os outros filmes de ficção científica do diretor americano.

Em 1977 Spielberg roda *Contatos Imediatos do 3º Grau*, com François Truffaut no elenco. Nesse filme, a humanidade tem a oportunidade de um salto evolutivo acolhendo a visita alienígena. O homem não está só e precisa aceitar a diferença.

Depois, em *E.T. - O Extraterrestre* (1982), Spielberg traz do espaço um novo tipo de conto de fadas, de sensível aspiração à tolerância. Nesse filme, pelo menos àquela época, cabia às crianças e adolescentes a preservação do último reduto de compreensão da diferença.

Na década de 90, com os *Jurassic Park* (1993 e 1997), a tão em voga biotecnologia será nosso passaporte para uma instrutiva viagem ao passado, cuja maior lição será a de que o homem ainda não está moralmente preparado para ser Deus.

Em *A.I. - Inteligência Artificial* (2001), projeto inicial de Stanley Kubrick, Spielberg aborda a humanização da máquina e sua contrapartida, a maquinização do humano. Na “Feira da Pele”, nada mais virtualmente humano do que os andróides martirizados e nada mais mecânico do que a violência das pessoas. O protagonista será o último elo de ligação entre E.T.’s arqueólogos e uma raça perdida, a humanidade, numa espécie de reedição da queda do Império Romano, deixando como vestígio apenas um único artefato: o menino-robô.

Em *Minority Report*, a população de Washington conta com um avançado sistema de prevenção de homicídios: o Pré-Crime. Chefiado por John Anderton, o Pré-Crime consiste numa força policial que atua com base nas previsões de três indivíduos mutantes, os Pré-Cogs (de Pré-Cognitivos). Esses sensitivos são capazes de antever imagens de assassinatos que fornecem pistas para

que os detetives do departamento possam salvar as vítimas e punir os culpados, antes mesmo que os crimes venham a ocorrer. Com o Pré-Crime, os índices de homicídio na cidade de Washington caíram a zero e centenas de detentos acumulam-se em estado vegetativo, cumprindo pena em presídios especiais, por um crime que ainda iriam cometer. Mas não cometeram. A coisa se complica quando o chefe do Pré-Crime é arrolado como assassino numa previsão. Tem início a tradicional saga do indivíduo contra o sistema, a busca pela verdade e pelas provas de inocência que indiquem os verdadeiros culpados.

O conto que deu origem ao filme trata exatamente disso, a saga de Anderton em busca da verdade nos bastidores do Pré-Crime. John Anderton é feito vítima



do sistema ao qual devotou todo seu trabalho e confiança. A grande diferença entre o filme e o conto é que no filme ocorre uma fraude de fato, enquanto que no conto há o investimento na falibilidade do sistema. No filme, Anderton é o legítimo “homem que sabia demais”, pois no exercício de suas funções acaba descobrindo provas de uma irregularidade no sistema, uma manobra corrupta empreitada há tempos atrás pelo figurão fundador do Pré-Crime. O indivíduo comum é então arrolado numa trama política. No filme de Spielberg, a despeito do “Relatório da Minoria”, o sistema não falha de fato. Seu desvio é fruto de fraude deliberada, de um estratagema levado a cabo pelo diretor Lamar Burgess (Max von Sydow), personagem sobre o qual recai todo o dilema moral de se expandir ou arruinar o sistema Pré-Crime. O herói fica livre para atuar sempre na linha da justiça e no final reconstruir a legítima família americana, de novo ao lado da mulher que carrega no ventre a promessa de vida num mundo melhor.

O conto é bem diferente. Não há uma fraude deliberada, nenhum assassinato prévio, nem mesmo corrupção comprovada. Há sim uma intrincada trama política que arrebatou o inadvertido John Anderton e opõe este ao personagem de um militar conservador, o general Kaplan, que investe na falibilidade do sistema Pré-Crime. No conto, o Pré-Crime é realmente falível, e bem mais complexo. Os Pré-Cogs são criaturas disformes que vivem num emaranhado de fios elétricos, balbuciando incessantemente um nhémnhém de previsões de crimes dos



mais variados – diga-se de passagem, os mutantes de Dick são anteriores ao *boom* do genoma que inspira os Pré-Cogs de Spielberg. Chega o dia em que Anderton é apontado como futuro assassino. Aqui também temos

Witwer, o novato que aspira a chefia do Pré-Crime e sobre o qual recaem as primeiras suspeitas. Mas depois será revelado que o responsável por toda a trama é alguém que tinha interesses políticos contrários à manutenção e expansão do Pré-Crime, exatamente o oposto do que ocorre no filme. Calculadamente, o personagem do general Kaplan investiu pesadamente na própria eficácia do sistema e na lealdade de seu maior defensor. É sobre os ombros de Anderton que recairá todo o dilema moral envolvendo a continuidade ou desativação do Pré-Crime. No filme, o sistema é finalmente desativado. No conto, não. Anderton assume a responsabilidade e se sacrifica sumariamente por aquilo que acredita, numa perspectiva muito mais negra do que a leitura de Spielberg.

Isso muda tudo. É bem verdade que tanto o filme quanto o conto tratam de um dilema básico que atormenta a humanidade ao longo dos séculos: liberdade ou segurança? Mais segurança, numa sociedade ultrapacífica na qual os crimes podem ser 100% evitados, ou mais liberdade, incerteza quanto ao futuro, mas sem o risco de se ser preso por algo que nem mesmo se chegou a fazer.

O conto é sombrio, o filme é translúcido. Por mais talentoso ou competente que seja Spielberg, ele não está preparado para a amargura de Dick. Não esteve para Kubrick, em *A.I.* (a despeito deste ser um filme admirável), assim como agora em *Minority*. Phillip K. Dick foi um autor que derramou em iguais proporções inventividade e amargura por toda a sua obra. Foi um crítico mordaz, e quem lê algum de seus contos não escapa a uma certa sensação de “desconforto”. O filme de Spielberg é engenhoso, mas ele segue um padrão que muitas vezes o torna por demais previsível. Seu moralismo beira uma espécie de *kitsch* americano bem particular, num estilo próprio. Não que isso lhe seja necessariamente negativo, mas é algo que traz um ônus: o de alterar alguns aspectos nucleares da narrativa que lhe serve de inspiração. Como ilustração desse estilo spielberguiano e conclusão deste breve estudo, vejamos a definição de *kitsch* proposta por Milan Kundera:

O *kitsch* faz duas lágrimas correrem em rápida sucessão. A primeira lágrima diz: Como é lindo ver crianças correndo na relva! A segunda diz: Como é lindo comover-se, junto com toda a humanidade, vendo crianças correndo na relva! É a segunda lágrima que faz o *kitsch* ser *kitsch*. (1984)<sup>1</sup>

## BIBLIOGRAFIA

DICK, Phillip K. *Minority Report – A Nova Lei*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

## FILMOGRAFIA

*Minority Report – A Nova Lei (Minority Report)*, dir.: Steven Spielberg, EUA, 2002.

---

<sup>1</sup> KUNDERA, Milan, *apud*. OLALQUIAGA, Celeste. *Megalópolis - Sensibilidades culturais contemporâneas*, p. 67.